

## **ECOFEMINISMO, UMA ÉTICA GENERIFICADA E ESTENDIDA: UM NOVO OLHAR PARA NOSSA RELAÇÃO COM O MUNDO HUMANO E NATURAL<sup>1</sup>**

*Rodrigo Cruz GAGLIANO\**

No segundo semestre de 2012, foi lançado, pela Editora Senac de São Paulo, como parte da coleção Meio Ambiente, sob o número 16, o livro *Meio ambiente e gênero*, escrito por Loreley Garcia, autora há muito inscrita nas discussões sobre gênero, sexualidade e ecologia.

Essa obra, se pudesse defini-la de modo algo peremptório, diria que é um mapa complexo das questões teóricas e práticas envolvidas na interface entre mulheres e natureza, sem essencialismos. A autora conduz a/o leitor/a por um emaranhado de questões envolvendo o questionamento do que seja gênero, das relações quase sempre opressivas e de dominância entre masculino e feminino, do que seja natureza, das relações ancestrais entre mulher e natureza, entre outros temas. É, portanto, também uma cartografia detalhada da produção bibliográfica sobre esses temas, que pode ajudar as/os neófitas/os na aproximação dos mesmos e professores que queiram introduzir essas questões em suas aulas, criar debate. O livro não se reduz a isso: é também uma discussão política com as várias teorias evocadas.

Essa descrição e posicionamento a respeito e a despeito de teorias feministas e essa narrativa de eventos que o livro é trazem um estilo de escrita peculiar, a autora mistura sua voz às vozes e discussões das autorias que apresenta, nem sempre ficando muito fácil a dedução de quem diz, as coisas se esclarecem de fato, nos dois últimos capítulos do livro que tratam das políticas, no mundo, voltadas às mulheres e suas considerações finais.

---

\* UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis – SC – Brasil. 88040-900 – rcgagliano@yahoo.it.

<sup>1</sup> Resenha sobre a obra: GARCIA, Loreley. *Meio ambiente & gênero*. São Paulo: Senac, 2012. (Série Meio Ambiente).

O livro é dividido em seis partes: uma introdução, a segunda parte tratando de nossa sociedade gendrada, a terceira parte cuida da questão mulher e natureza, a quarta da questão da ética com o não humano, e quinta parte considera as relações entre mulheres, globalização e meio ambiente e a última são suas considerações já evocadas aqui. Para além disso, há ainda uma pequena apresentação do livro feita pelo Prof. José de Ávila Aguiar Coimbra e, ainda mais importante, uma rica bibliografia que pode funcionar como um bom cardápio de obras interessantes para os temas em questão.

Como gatilho para suas discussões, Garcia diz da antiguidade da associação cultural entre mulher e natureza (ambas oprimidas historicamente, engessadas na imagem da passividade) e (se) pergunta: “[...] a despeito da associação primeva entre mulher e natureza, o que nos permite, no século XXI, manter a associação entre meio ambiente e gênero?” (GARCIA, 2012, p.23). Pergunta que, em si, incorpora um deslocamento teórico no olhar sobre as mulheres e a faz escapar de lugares comuns de algumas teorias feministas.

Na segunda parte, começa o passeio pelas teorias. A autora mostra o surgimento de questões do feminismo, da década de 1960 em diante: viveríamos em sociedades gendradas, em que as mulheres se constituiriam/ seriam constituídas, subjetivamente, como seres dependentes. A estrutura social vigente “[...] seria responsável pela hierarquização dos papéis e padrões de comportamento determinados para cada sexo.” (GARCIA, 2012, p.30). Nesse tétrico cenário, gendrado, a mulher viveria sob dominação e violência.

Então, diz a autora, é preciso discutir sexo e gênero. Sobre sexo está posto que a partição do mundo em dois, supostamente, baseada em dados biológico, não dá conta de muitos casos, como, por exemplo, a/o hermafrodita. Assim, cairia por terra, toda a discussão biologizante. E segue discutindo o conceito de **gênero** e os desacordos das teorias sobre seu conceito.

“A forma mais simplista de interpretar a teoria de gênero é considerá-lo como o sexo socialmente construído.” (GARCIA, 2012, p.39) porque surgiria que as mulheres são todas iguais uma vez sendo socializadas sob um mesmo modelo de feminilidade e ignoraria outros marcadores de constituição de subjetividade como raça, classe, idade, orientação sexual – outras fontes de discriminação social. Garcia perpassa por toda a discussão daquela categoria apoiada, principalmente, em autoras (consideradas) pós-modernas como Butler, que assumirá gênero como performance. A classificação binária não daria conta nem da classificação dos sexos nem das performances possíveis. E a autora de *Meio Ambiente & Gênero* passa em revista alguns exemplos antropológicos que mostram a insuficiência do binarismo genérico como nas/nos *berdaches*, em povos tribais da América do

Norte, também com os/as *fafafines*, as/os *guevedoches*, os/as *hijaras*, ou mesmo as virgens juradas.

Na terceira parte, Garcia explora as conexões simbólicas entre mulher e natureza: “propomos uma leitura do período Paleolítico, embora não inédita e pouco convencional” (GARCIA, 2012, p.53). Pouco convencional mesmo. Ela recorre às linhagens teóricas do anarco-primitivismo, com um dos seus principais autores, John Zerzan, e a dados arqueológicos e antropológicos. Está pintada uma espécie de idade de ouro para as mulheres (e também para os homens): relações horizontais entre homens e mulheres, época da abundância, pouco trabalho. Contudo, essa idade de ouro é apenas uma desmontagem das velhas imagens sobre espécie vivendo em escassez, da guerra de todos contra todos, submetimento das mulheres, ou sua total falta de protagonismo. Hoje, essas velhas e rotas imagens vêm desmoronando sob um novo olhar para o passado da espécie. O marco da mudança do cenário idílico é a agricultura, que Daniel Quinn (2001), em *Além da Civilização*, chamaria de o nascimento da agricultura totalitária. Nasce a dominação da natureza e da mulher, como pré-requisito do nascimento da cultura (GARCIA, 2012).

Pelas mãos de Garcia, e isso não é propriamente um defeito, nessa pintura do paleolítico, os homens (quase) desaparecem. Toda a engenhosidade de nossa espécie parece ir só, nesse novo desenho, para elas, ou melhor, vir delas. Um espelho invertido daquilo que nós homens fizemos quando contamos a história... No nosso desenho, elas também tinham ido para trás das cortinas do palco, nesse, elas são as grandes protagonistas.

Contudo, a autora não se limita a isso, ela traz à baila as críticas a essas imagens, críticas dos embates entre os vários enfoques feministas. Nega os universalismos, seja no entendimento do que seja natureza – “de inimigo a ser abatido até o ente sagrado que não deve ser perturbado.” (GARCIA, 2012, p.69) – e diz da variação na relação entre esses elementos, no universo humano.

Explorar as questões na relação mulher e natureza é o preâmbulo para a melhor discussão do livro e que, talvez, as/os leitoras/es, no Brasil, não estejam muito familiarizadas/os: as discussões ecofeministas. Ainda na terceira parte, leríamos:

Entendemos que o ecofeminismo é uma das mais radicais correntes do movimento ambientalista porque se propõe a desestabilizar as bases sobre a civilização que separa natureza/cultura e hierarquiza os sexos. O Ecofeminismo representa, nas palavras de Ruether (1992), a combinação do movimento ecológico radical, também conhecido como ecologia profunda, com uma das tendências do movimento feminista. (GARCIA, 2012, p.74).

Aliás, por hora, a vocação em nosso país tem tendido a uma espécie de concepção de ecologia social, infestada de marxistas camaleônicos, que não apenas não querem discutir as bases da civilização como também ficam apegados ao seu conceito de “comunidade tradicional” transferido a alguns agrupamentos humanos. É a luta de classes posta sob nova roupagem, querendo ser causa única de nossa desgraça, desviando, muitas vezes, das questões de equidade de gênero e sobre a questão de se são comunidades ecologicamente sustentáveis<sup>2</sup>. Prossigamos.

Segundo a autora, o ecofeminismo traria em sua bagagem críticas ao feminismo tradicional e ao mesmo tempo críticas feministas ao debate ambiental. Essa nova e, relativamente, recente corrente filosófica e movimento adotaria posições que refletiriam a diversidade e a mutabilidade no tempo e espaço, ajustes culturais e históricos, fugindo, assim, de críticas que o veem como essencialista.

Dentro do âmbito do ecofeminismo, Garcia ainda trata dos “espiritualismos da Terra Mãe”, mostrando como a perspectiva espiritualista do ecofeminismo rompe com as concepções religiosas ocidentais e com as ideologias científicas e, ao mesmo tempo, aponta para discussões sobre a ambiguidade política da evocação da imagem de “mãe”, o que isso poderia significar. Apoiada em Elizabeth Gray, diz que “as origens de afinidade mulher-natureza requerem mais elaboração da perspectiva transcultural.” (GARCIA, 2012, p.87). Essa discussão se funda na concepção de que precisaríamos de imagens para expressar e guiar nossa relação com a natureza.

E daí para a apresentação das éticas feministas: desdobradas, sob uma miríade de pontos de vista teóricos, numa ética do cuidado. “A ética ecofeminista enfatiza a diferença, generifica a abordagem ao pensamento ético e comportamental da mulher, presumivelmente vinculado ao grande senso de responsabilidade, maior do que o do homem.” (GARCIA, 2012, p.99). Esse grande senso de responsabilidade seria fruto das formas em que, historicamente, as mulheres teriam sido socializadas.

A maior parte das teorias ecofeministas forneceria uma ética ecocêntrica em que todas as partes de um ecossistema, incluindo humanos, teriam igual valor. Estamos na quarta parte do livro: cabe, assim, uma ética com o não humano. Seria aqui, para a autora, a ponte entre o ecofeminismo e o ativismo dos direitos animais. Se todas/os temos igual valor (animais humanos e não humanos), matar, então, vira um ato de dominação. E a discussão vai além do valor, do cuidado e da compaixão, Carol Adams, citada por Garcia, mostrará que a dieta carnívora é uma manifestação dos valores patriarcais, ligada à virilidade e masculinidade. O retalhar a carne – palavra que esconde a verdade de o animal morto – é, simbolicamente, semelhante

---

<sup>2</sup> A própria Loreley Garcia (2008) organizou – com Monica Franch – e participou do livro *A pimenta e o sonho: gênero e empreendedorismo na zona rural de João Pessoa*, em que mostra muito bem os entraves que conceitos como comunidade tradicional podem criar às mulheres.

ao retalhar o corpo da mulher em partes como bunda, peitos, etc. Ambos, animais e mulheres, passariam por um ciclo de objetificação, fragmentação e consumo...

E a partir desse ponto, a obra avança para uma discussão das políticas mundiais voltadas para as mulheres e para a questão de economia política e sustentabilidade ambiental. Estamos nas últimas partes do livro. Para mim, bastante desconfiado das políticas estatais e de organismos supranacionais sobre o mundo, além de conhecê-las um pouco melhor, pela escrita da autora, como homem branco, urbano, de classe média, pude ter também uma perspectiva mais profunda de que os desastres ambientais e a insustentabilidade ecológica, frequentemente, afetam mais profundamente as mulheres e, muito mais ainda, as mulheres pobres.

Enquanto lia *Meio Ambiente e Gênero*, tive a feliz coincidência de assistir o filme *A fonte das mulheres* (2011), ambientado em uma pequena vila localizada entre o norte da África e o Oriente Médio e parecia que eu ouvia esse último trecho do livro dela... No filme, a questão problemática entre homens e mulheres é a água. São elas quem cuidam e gestionam a água, escassa por toda a região, elas sofrem, no corpo e na alma, os impactos dessa escassez e as rígidas tradições que dividem as tarefas sexualmente. Garcia, nessas últimas partes do livro, traz um exemplo detalhado da questão da gestão das águas, sua relação com as mulheres e os tipos de políticas pensadas sobre isso. No filme e na vida, elas lutam, elas pressionam os homens em seus privilégios, as estruturas legais, a tradição religiosa...

Foi feliz a leitura do livro de Loreley Garcia.

## Referências

A FONTE das mulheres (filme). Direção: Radu Mihaileanu. São Paulo: Paris Filmes, 2011. 1 DVD (135 min).

GARCIA, L.; FRANCH, M. (Org.). **A pimenta e o sonho**: gênero e empreendedorismo na zona rural de João Pessoa. João Pessoa: Ed. da UFPB, 2008.

QUINN, D. **Além da civilização**. São Paulo: Peirópolis, 2001.

Recebido em 15/02/2013

Aprovado em 20/05/2013

